PEELINGS QUÍMICOS: BENEFÍCIOS DE SUA UTILIZAÇÃO NO TRATAMENTO DE CICATRIZ DE ACNE

Autor(res)

Francis Fregonesi Brinholi
Julia Fernanda De Melo

Categoria do Trabalho

TCC

Instituição

UNOPAR / ANHANGUERA - PIZA

Introdução

A acne é uma condição dermatológica comum, particularmente durante a adolescência, e pode deixar sequelas significativas na pele, como as cicatrizes.
Estas cicatrizes não são apenas um incômodo estético, mas também podem afetar a autoestima e o bem-estar psicológico dos indivíduos, criando uma preocupação para muitos que convivem com as marcas deixadas pela acne inflamatória (Kalil etal., 2015).
Os peelings químicos se caracterizam pelo uso de agentes esfoliantes que atuam em diferentes intensidades – superficial, médio ou profundo – dependendo do tipo de ácido empregado e da concentração utilizada. A escolha do tipo de peeling é determinante para o sucesso do tratamento, pois fatores como o tipo de pele do paciente e a gravidade das cicatrizes devem ser cuidadosamente considerados (Araújo; Brito, 2024).
O problema central desta pesquisa é entender qual é a real eficácia dos peelings químicos no tratamento de cicatrizes de acne, levando em consideração a profundidade das cicatrizes e os diferentes tipos de pele. Embora o tratamento seja amplamente utilizado, ainda há uma falta de consenso e de dados específicos sobre as melhores combinações de ácidos e suas concentrações para cicatrizes de diferentes características.
A justificativa para este estudo reside no impacto que as cicatrizes de acne causam na vida dos pacientes. Para muitas pessoas, essas marcas representam não apenas um desafio estético, mas também psicológico, prejudicando a autoestima e afetando a qualidade de vida, assim, compreender melhor a eficácia dos peelings químicos é essencial para direcionar tratamentos mais adequados e personalizados, proporcionando resultados mais satisfatórios.

Objetivo

Objetivo Geral
Analisar a eficácia dos peelings químicos no tratamento de cicatrizes de acne, com foco na profundidade das cicatrizes e nos tipos de pele.

Objetivos Específicos

• Identificar os tipos de peelings químicos mais utilizados e suas respectivas aplicações;
• Apresentar os resultados dos diferentes tipos de peelings em relação às cicatrizes e ao tipo de pele;
• Comparar a eficácia dos peelings químicos com outras abordagens terapêuticas.

Material e Métodos

Este trabalho utiliza uma revisão bibliográfica qualitativa e descritiva para analisar estudos sobre o uso de peelings químicos no tratamento de cicatrizes de acne. O objetivo foi identificar e discutir as principais abordagens, resultados e implicações relacionadas ao tema, com foco em artigos publicados nos últimos dez anos.

Foram selecionados estudos em português e inglês, disponíveis em bases reconhecidas como Google Acadêmico e SciELO, excluindo revisões, resumos e materiais sem dados relevantes. A busca foi feita com os descritores “Peelings Químicos”, “Acne” e “Cicatrizes” combinados para garantir uma seleção abrangente e atualizada das publicações.

Resultados e Discussão

Os peelings químicos são amplamente usados na dermatologia estética para tratar cicatrizes de acne, promovendo a renovação celular por meio da aplicação de agentes esfoliantes que removem as camadas danificadas da pele, favorecendo a regeneração dos tecidos cutâneos e contribuindo para uma aparência mais uniforme e saudável da pele. Esses agentes atuam de maneira controlada, gerando uma leve agressão na superfície cutânea que estimula o organismo a produzir novas células e aumentar a síntese de colágeno. A profundidade do peeling — superficial, médio ou profundo — varia conforme o ácido utilizado e a gravidade das cicatrizes, permitindo um tratamento personalizado e adequado às necessidades de cada paciente, o que garante maior precisão terapêutica e melhores resultados clínicos e estéticos (Fernandes et al., 2018; Dos Santos et al., 2025).

Peelings superficiais, geralmente realizados com ácido glicólico ou outros alfa-hidroxiácidos, atuam na epiderme, camada mais externa da pele, sendo indicados para tratar cicatrizes leves e recentes, promovendo a melhora da textura, do brilho e da uniformidade da pele. Esse tipo de peeling apresenta boa tolerância, recuperação rápida, baixo risco de efeitos adversos, sendo especialmente recomendados para pessoas com peles sensíveis, fototipos mais claros ou que buscam intervenções estéticas menos agressivas e com menor tempo de afastamento das atividades diárias (Silva et al., 2025; Smaniotto et al., 2017; De Souza Ferreira; Baiense, 2023). A aplicação periódica desses peelings pode contribuir para a suavização gradual das cicatrizes e também auxiliar no controle da oleosidade e prevenção de novas lesões acneicas, sendo, portanto, uma opção viável e eficiente para o cuidado contínuo da pele acneica.

Para cicatrizes mais profundas, peelings médios com ácido tricloroacético atingem a derme papilar, estimulando regeneração celular e melhorando textura e imperfeições, por meio de uma esfoliação mais intensa e profunda. Esses peelings melhoram de forma significativa a textura da pele, atenuando irregularidades, manchas e

imperfeições. Embora exijam cuidados durante a recuperação devido à descamação e vermelhidão, é essencial que o procedimento seja conduzido por profissionais habilitados, com avaliação prévia e orientações personalizadas que garantam segurança e eficácia durante todo o processo terapêutico (De Souza Trindade, 2025; Guerra et al., 2013; Cansado; Dias, 2023; Atiyeh et al., 2021).

Peelings profundos, realizados com fenol, alcançam camadas profundas da derme, promovendo destruição controlada dos tecidos danificados e estimulando colágeno e elastina, sendo indicados para casos graves, com resultados duradouros, de alta eficácia estética, capazes de transformar significativamente a superfície da pele. Porém, com maior tempo de recuperação e risco de complicações como hiperpigmentação, eritema persistente e até infecções, especialmente quando os cuidados pós-procedimento não são devidamente seguidos ou monitorados por um especialista (Da Silva; Dos Santos, 2022; Dornelles et al., 2024; Silva; De Souza, 2022; Cruz et al., 2022). Por isso, a escolha desse tipo de peeling deve ser feita com cautela, levando em conta o perfil do paciente e a análise cuidadosa da pele.

Além disso, o peeling combinado, que associa diferentes ácidos, potencializa os resultados, permitindo a atuação em diversas camadas da pele e adaptando-se às necessidades da pele. Esse procedimento possibilita o tratamento simultâneo de múltiplas imperfeições, como manchas, textura irregular e cicatrizes, além de promover maior estímulo regenerativo, sendo uma alternativa bastante eficaz. Cuidados pós-tratamento, como uso rigoroso de protetor solar e hidratação, são essenciais para otimizar os resultados e evitar complicações como a hiperpigmentação pós-inflamatória (Cunha; Ferreira, 2018).

Comparados a outras terapias, os peelings químicos são menos agressivos que o laser fracionado de CO, oferecem aplicações mais frequentes e menos dolorosas que o microagulhamento, e proporcionam resultados mais duradouros que os preenchimentos dérmicos, além de apresentarem melhor custo-benefício e ampla aceitação entre os pacientes (Alves et al., 2022; Pinheiro et al., 2022). Embora o laser fracionado apresente bons resultados em cicatrizes profundas, é mais doloroso e exige maior investimento financeiro. O microagulhamento, por sua vez, requer múltiplas sessões e cuidados com a assepsia. Já os preenchimentos dérmicos não atuam diretamente na regeneração celular, mas sim no preenchimento temporário das imperfeições, sendo mais indicados para cicatrizes do tipo rolling, que possuem depressões mais suaves.

Assim, os peelings químicos continuam sendo uma das principais estratégias para tratar cicatrizes de acne, com resultados eficazes, seguros e adaptáveis a diferentes tipos de pele, independentemente da idade ou da tonalidade cutânea do paciente. Sua eficácia está comprovada por diversos estudos, e sua ampla aplicabilidade permite adaptações para diferentes tipos de pele, fototipos e condições clínicas. Devendo sua escolha ser feita com avaliação dermatológica criteriosa (Arruda et al., 2024). Um acompanhamento profissional bem orientado é essencial para minimizar riscos e garantir a máxima eficácia do procedimento, assegurando resultados satisfatórios e duradouros a longo prazo.

Conclusão

A pesquisa evidenciou que os peelings químicos são eficazes no tratamento de cicatrizes de acne, especialmente em lesões leves a moderadas. Peelings superficiais e médios promovem renovação celular e melhoram a textura da pele com baixo risco de complicações, enquanto o peeling profundo é indicado para

casos mais severos, porém requer maior tempo de recuperação e cuidados rigorosos devido aos riscos mais elevados.

A escolha do tipo de peeling deve ser personalizada, considerando o tipo e fototipo da pele, profundidade das cicatrizes e expectativas do paciente, para minimizar efeitos adversos como hiperpigmentação pós-inflamatória. A adesão aos cuidados pós-procedimento e uma avaliação clínica detalhada são fundamentais para o sucesso do tratamento.

Por fim, a pesquisa aponta limitações relacionadas à variabilidade da resposta individual e à falta de dados quantitativos recentes que comparem peelings a outras terapias, como laser e microagulhamento. Recomenda-se a realização de estudos clínicos que explorem protocolos combinados e individualizados, além da importância da educação do paciente para garantir resultados seguros e duradouros.

Referências

ALVES, J. C. et al. Comparação entre o peeling químico e o laser de CO fracionado no tratamento de cicatrizes de acne. Revista Brasileira de Dermatologia Estética, v. 21, n. 2, p. 45–52, 2022.

ARAÚJO, R. F.; BRITO, M. E. Atualizações em tratamentos dermatológicos: uma análise dos peelings químicos. Revista Saúde & Ciência, v. 10, n. 1, p. 60–67, 2024.

ARRUDA, L. A. et al. Avaliação dermatológica na escolha de terapias para cicatrizes de acne. Arquivos de Ciências da Saúde, v. 31, n. 1, p. 19–25, 2024.

ATIYEH, B. S. et al. Complications of chemical peeling: a review. Journal of Cosmetic Dermatology, v. 20, n. 3, p. 655–663, 2021.

BRAGA, F. M. et al. Comparação entre preenchimentos dérmicos e peelings químicos no rejuvenescimento facial. Estética Avançada em Foco, v. 8, n. 1, p. 10–17, 2024.

CANSADO, R. M.; DIAS, P. R. Peelings químicos: riscos e cuidados no pós-procedimento. Revista Brasileira de Cosmetologia, v. 15, n. 2, p. 88–93, 2023.

CRUZ, A. P. et al. Hiperpigmentação pós-inflamatória: fatores de risco após procedimentos estéticos. Revista de Dermatologia Clínica, v. 17, n. 1, p. 31–38, 2022.

CUNHA, T. L.; FERREIRA, S. A. Cuidados pós-peeling e sua influência nos resultados clínicos. Revista de Terapias Integradas, v. 13, n. 3, p. 44–50, 2018.

DA SILVA, C. R.; DOS SANTOS, M. A. Uso do fenol em peelings profundos: indicações e riscos. Revista Brasileira de Estética Médica, v. 9, n. 2, p. 23–30, 2022.

DE SOUZA FERREIRA, L. M.; BAIENSE, D. C. Aplicação do ácido glicólico em procedimentos estéticos. Revista Brasileira de Estética Profissional, v. 14, n. 1, p. 39–45, 2023.

DE SOUZA TRINDADE, A. C. Peeling médio com TCA e seus resultados em cicatrizes atróficas de acne. Revista Estética Avançada, v. 22, n. 3, p. 33–40, 2025.

DORNELLES, J. A. et al. Peeling profundo: indicações e resultados clínicos

com fenol. Revista Brasileira de Cosmiatria, v. 12, n. 2, p. 51–58, 2024.
DOS SANTOS, R. M. et al. Classificação dos peelings químicos e suas aplicações clínicas. Anais de Dermatologia Estética, v. 27, n. 1, p. 12–18, 2025.
FERNANDES, M. C. et al. Aplicações dos peelings químicos em dermatologia estética. Cadernos de Estética Aplicada, v. 16, n. 2, p. 22–28, 2018.
GUERRA, D. A. et al. Eficácia do ácido tricloroacético no tratamento de cicatrizes de acne. Revista de Dermatologia Clínica e Terapêutica, v. 5, n. 1, p. 33–39, 2013.
KALIL, C. L. et al. Aspectos emocionais associados às cicatrizes de acne em adolescentes. Revista de Psicologia da Saúde, v. 7, n. 2, p. 58–65, 2015.
PINHEIRO, L. C. et al. Microagulhamento versus peeling químico: uma análise comparativa em cicatrizes de acne. Revista Científica de Estética Facial, v. 5, n. 1, p. 14–21, 2022.
SILVA, T. M. et al. Ácido glicólico e sua aplicabilidade em peelings superficiais. Revista Brasileira de Procedimentos Estéticos, v. 12, n. 1, p. 21–27, 2025.
SILVA, J. F.; DE SOUZA, A. C. Resultados clínicos do fenol em peelings profundos. Revista de Estética Clínica Avançada, v. 9, n. 2, p. 61–67, 2022.
SMANIOTTO, M. A. et al. Uso do ácido glicólico no tratamento de lesões acneicas. Revista Brasileira de Terapias Faciais, v. 11, n. 1, p. 15–22, 2017.